

MARGARETH DALCOLMO

Nova variante é crônica anunciada

30/ 11/ 2021

Quando por estas terras se começa a respirar com um certo alívio, mesmo que necessariamente atrás de máscaras de boa qualidade, se observam novas restrições em países europeus, por força das liberações ocorridas e do inacreditável fenômeno da hesitação vacinal. Alcançamos no Brasil um ritmo de vacinação mais adequado e, ainda que não tenhamos 80% de completamente imunizados, é verdadeira a redução substantiva de mortes e hospitalizações pela Covid-19. Assim, e em nada paradoxal, surge a notícia de uma nova cepa mutante do Sars-CoV-2 detectada, que não deveria nos cair como bomba. Afinal, a esta altura da evolução da pandemia, importa menos o local de origem da nova variante, porque o conhecimento atual já nos permite inferir que outras podem surgir, mesmo que mais transmissíveis, porém menos letais, à medida que avança a cobertura vacinal.

Com a flagrante e constrangedora desigualdade na oferta e no acesso às vacinas no mundo, em particular na África, temos visto vigorosas manifestações de indignação de intelectuais e formadores de opinião de grande relevância, sobretudo no que consideram uma nova versão de comportamento de colonizadores frente aos colonizados, em países da África subsaariana. Esse, entretanto, foi o prognóstico desde que sabíamos, desde o final de 2020, que dez países haviam adquirido 75% das vacinas produzidas até então, e que se configurava esse cenário de apartheid vacinal.

Conhecemos a existência de variantes denominadas de alerta ou de preocupação, definidas a partir de sua capacidade de transmissão e de morbidade. Ouvir a sigla VOC (“variant of concern”), decretada pela OMS, e seu rápido batismo de Ômicron, na lógica do alfabeto grego, como as quatro antecessoras, deu um susto no planeta. Injustificado porquanto se sabe e se espera, como em qualquer virose de transmissão respiratória

epidêmica, que cepas variantes possam ocorrer e que o celeiro que as produz é a transmissão comunitária sustentada entre suscetíveis não vacinados. Mais do que a emergência de novas cepas a esta altura, o que nos surpreende, no mau sentido, é testemunhar a rapidez com que os países desenvolvidos tomaram medidas de restrição ao tráfego aéreo, não apenas desnecessárias, porque tardias, uma vez que se detectaram casos já nos cinco continentes, e, portanto, a disseminação é líquida e certa. Como nos ensinam a história das epidemias, virologistas e epidemiologistas de grande experiência, é esperado que surjam novas variantes, mais transmissíveis e causadoras de casos moderados, porém com o estíolo da letalidade da doença.

Digno reconhecimento é a inegável eficiência e espírito científico de cooperação que devemos aos colegas sul-africanos. Deram ao mundo, em menos de uma semana, a identificação de casos suspeitos, a testagem rápida e o genoma da nova variante, com descrição de suas mais de 50 mutações em diferentes sítios, 32 delas apenas na proteína spike do vírus, a que o permite entrar na célula humana. Trouxeram, dessa forma, mais do que o alerta de alta taxa de transmissibilidade de uma nova variante, o absurdo de manter naquela região, bem como na maioria dos países do continente africano, baixíssimas taxas de vacinação.

Como explicar que, a essa altura, ainda haja países com estoque de três a quatro doses por habitantes e outros, com coberturas pífias de imunização? Curioso será ver como os historiadores da medicina terão assunto para registrar, mais do que no factual epidêmico, a interpretação contemporânea do que seja o homem frente ao homem, em novas formas de dominação.

A Covid-19 teve ao longo desses quase dois anos várias e eloquentes metáforas da tragédia que nos abateu, em objetos que marcam sua trajetória quer pela falta quer pela presença conspícua: os equipamentos de proteção individual, máscaras, um respirador, um cilindro de oxigênio, tratamentos inúteis e hoje, uma seringa num braço vacinado. De par com um passaporte vacinal ostentado, é a imagem que esperamos conquistar.